



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Silvares Fiorussi, Lavinia

Um retrato de John Donne: apontamentos sobre o gênero encomiástico

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 34, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 31-35

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426650005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Um retrato de John Donne: apontamentos sobre o gênero encomiástico

Lavinia Silveiras Fiorussi

Universidade Federal de São Paulo, Estrada do Caminho Velho, 333, 07252-312, Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: ipsilvares@gmail.com

RESUMO. John Donne, poeta e pregador inglês, granjeou fama em vida como deão da Catedral de São Paulo, em Londres, e homem de confiança do rei anglicano Jaime I. Em 1640, sete anos após sua morte, publicou-se, como introdução a uma coletânea de seus sermões, uma *Life of Dr. John Donne*, assinada por Izaak Walton. Este artigo propõe tratar da configuração retórica dessa *Vida* de Donne, levantando os lugares de invenção ajustados a seu gênero e indicando os valores históricos atribuídos ao indivíduo retratado. Considerando o texto de Walton como um ‘retrato’, isto é, um texto pertencente ao gênero encomiástico, propõe-se uma análise poético-retórica de sua estrutura e de seus elementos a partir de uma abordagem que historicize usos, funções e propósitos de um ‘retrato’ de poetas nas cortes europeias do século XVII. Como resultado, aponta-se uma notória distinção na estrutura, na compreensão histórica e no uso normativo do ‘retrato’ em comparação com a moderna ‘biografia’. Conclui-se, com isso, que o intervalo semântico-temporal entre as produções letradas determina ajustes de leitura, como a consideração dos elementos retóricos de estruturação e escrita do texto a partir das necessidades e exigências de seu gênero, vigentes no período de sua produção.

Palavras-chave: John Donne, retórica, gênero encomiástico, poesia metafísica inglesa

A portrait of John Donne: notes on the encomiastic genre

ABSTRACT. John Donne, English poet and preacher, acquired fame during his lifetime as the Dean of St. Paul's Cathedral, in London, and as a protégé of Anglican King James I. In 1640, seven years after his death, a ‘*Life of Dr. John Donne*’, by Izaak Walton, was published as an introduction to a collection of his sermons. This essay examines the rhetorical configuration of this ‘Life’ of Donne, examining its *loci* of invention in agreement with its genre. Considering Walton's text as a ‘portrait’, belonging to the encomiastic genre, this essay puts forward a poetical-rhetorical analysis of the text's structure and elements with an approach that historicizes the uses, functions and purposes of a ‘portrait’ in the European courts of the 17th century. As a result, it points to a notorious distinction in the structure, historical understanding and normative usage of the ‘portrait’ as compared to the modern ‘biography’. As a conclusion, it shows that the semantic and temporal gap determines adjustments to the critical reading, such as the awareness of rhetorical elements in the structure and composition of the text in agreement to the necessities and requirements of its genre, current at the time of its production.

Keywords: John Donne, rhetoric, encomiastic genre, english metaphysical poetry

Introdução

Em 1640, Izaak Walton publicou, em Londres, o texto apologético *Life of Dr. John Donne* como introdução a uma coletânea de sermões. Essa primeira ‘Vida’ incidiu fortemente sobre a legibilidade tanto da produção poética quanto da produção sermonística de Donne (1572-1631), e instaurou a visão de que o poeta e pregador anglicano teria sido um *engenhoso* (um grande ‘*wit*’) ao mesmo tempo discreto e prudente. Alegando neutralidade, Walton (1825) forja para si um lugar de ‘relator’; afirma ter tido acesso a informações privilegiadas, por meio da convivência com o próprio Donne ou com pessoas próximas ao poeta, que sabiam de seus mais íntimos ‘segredos’:

I forbear, lest I, that intended to be but a relator, may be thought to be an engaged person for the proving what was related to me; and yet I think myself bound to declare that, though it was not told me by Mr. Donne himself, it was told me, now long since, by a person of honour, and of such intimacy with him, that he knew more of the secrets of his soul than any person then living (WALTON, 1825, p. 27).

Como se lê na citação, Walton dá a qualidade de ‘honrada’ para a fonte secundária, como forma de autorizá-la. Como Hansen (2004) já mostrou no caso do relato setecentista do licenciado Manuel Rabelo sobre Gregório de Matos, a narrativa do retrato encomiástico obedece, retoricamente, às diretrizes do decoro impostas ao subgênero epidítico, de louvor, incidindo sobre a escolha das

tópicas e dos argumentos figurados ali: “Como retrato, o texto desenvolve-se por aplicação de tópicos do gênero demonstrativo ou epidítico da oratória, no subgênero ‘encômio’ ou ‘louvor’, apresentando elementos caracteriais e tipificadores” (HANSEN, 2004, p. 30).

Assim, quando dispõe feitos da vida de Donne, Walton (1825) preenche lugares-comuns previstos, como momentos de coragem ímpar, a exaltação do poeta enquanto grande engenhoso, a demonstração das virtudes de seu caráter, as provas de que era homem religioso etc. O que não está em conformidade com o propósito de exaltação é posto de lado ou, tecnicamente (com frequência por *meiosis*, figura retórica de eufemismo), diminuído e identificado como secundário. É necessário, então, para seu propósito, que Walton diga que Donne nasceu de família boa e virtuosa, e que estabeleça uma linhagem que a torne legítima: “[...] his father was masculinely and lineally descended from a very ancient family in Wales” (WALTON, 1825, p. 3). Tanto a vida quanto a morte de Donne figuram como moralmente virtuosas: “Thus variable, thus virtuous was the life; thus excellent, thus exemplary was the death of this memorable man” (WALTON, 1825, p. 76).

O incidente que poderia obscurecer, segundo o decoro da época, a virtude moral de Donne - isto é, seu casamento às escondidas com a sobrinha de Sir George More, que, para azar do poeta, era tenente guardião da Torre de Londres, é tomado por Walton, programaticamente, como culpa “[...] de los agravios que el amor nos hace” (CERVANTES, 2000, p. 186) como diria Dom Quixote; assim, é Cupido que faz cegar os mais prudentes e confundir os mais altos juízos:

[...] for love is a flattering mischief that hath denied aged and wise men a foresight of those evils that too often prove to be the children of that blind father; a passion that carries us to commit errors with as much ease as whirlwinds move feathers, and begets in us an unwearied industry to the attainment of what we desire (WALTON, 1825, p. 9).

Nota-se, nesse trecho, a elocução cuidada (aliterações, paralelismos sintáticos) e o símile que rende agudeza à invenção. Walton (1825), como retratista de Donne, constitui sua autoridade, posicionando lado a lado o engenho e a prudência do retratado, para que seu talento para as agudezas seja visto positivamente segundo as regras legitimadas e impostas sobre bons cortesãos. Donne aparece, assim, como cortesão discreto, que atende aos pré-requisitos de um favorecido do rei, e se distingue pela força do engenho, da capacidade inventiva. Não é um ‘*Sir*’, ou seja, não é fidalgo. Para redimi-lo da

falta do título, Walton (1825) ressalta que vinha de uma família de linhagem antiga, do País de Gales (o que pode ou não ser verdade, o que interessa é a funcionalidade do discurso); que teve uma educação sólida e versátil nas doutrinas antigas, como deveria ser, primeiro com preceptores e depois em Cambridge e Oxford; que passou pela experiência requerida de aspirantes a cortesão, isto é, uma longa viagem ao continente, com o aprendizado de francês, italiano e espanhol:

[...] he resolved to travel; he returned not into England until he had staid some years, first in Italy and then in Spain, where he made many useful observations of those countries, their laws and manner of government, and returned perfect in their languages (WALTON, 1825, p. 7)

E é, sobretudo, o engenho de Donne - treinado nas sutilezas - que lhe confere distinção entre cortesãos, mesmo entre os mais calibrados. Assim, sobram menções, ao longo do retrato, a essas qualidades do poeta: “so sharp an inquirer”; “[...] he had too much ingenuity” (WALTON, 1825, p. 6); “[...] his winning behaviour [...] had a strange kind of elegant irresistible art” (WALTON, 1825, p. 11-12); “[...] his sharp wit and high fancy” (WALTON, 1825, p. 50). Percebe-se que são atribuições fundamentais para a constituição da autoridade de Donne, e que procuram legitimar o sucesso que obteve entre seus pares.

Graças às qualidades concedidas ao poeta/pregador, Walton (1825) enuncia que Donne teria granjeado os favores de gente importante, integrando-se assim ao meio cortesão: “[...] he was as often visited by many of the nobility and others of this nation, who used him in their counsels of greatest consideration, and with some rewards for his better subsistence” (WALTON, 1825, p. 19).

Mas não apenas conterrâneos ilustres lhe faziam visitas e prestavam favores; eminentes de outras cortes também se admirariam de seu engenho sutil: “[...] his acquaintance and friendship was sought for by most Ambassadors of foreign nations” (WALTON, 1825, p. 19). Não sem esforço, segundo Walton (1825), Donne teria conquistado um importante patrono, Sir Robert Drewry (quem lhe encomendou a célebre elegia *The Anniversaries: An Anatomy of the World*); com Drewry, Donne teria recebido casa e meios para continuar compondo: “[Drewry] was also a cherisher of his studies” (WALTON, 1825, p. 23). Para o retratista, foram esses admiradores de Donne que o recomendaram ao rei Jaime I, e tudo fizeram para lhe dar um cargo público na corte, porque Donne veicularia persuasivamente os discursos ordenadores da política de Estado do reino inglês: “[...] many of the

nobility and others that were powerful at court, were watchful and solicitous to the King for some state employment for him” (WALTON, 1825, p. 29). Infere-se a partir desses enunciados que o engenho também outorgava distinção no meio político, figurando como atestado de capacidade e qualidades desejáveis numa figura pública. Ainda que Walton (1825), no retrato que faz, ponha em cena nobres de toda parte como solícitos adoradores de Donne, num exagero proposital e funcional dentro do subgênero epidítico, pode-se apreender, pelo menos, que o aspecto político relacionado ao *wit* é discurso válido na época; ou seja, sabendo que Donne conquistou o posto - político, antes de religioso - de pregador da maior catedral de Londres, seria verossímil que um coletâneo atribuisse o sucesso ao celebrado engenho do pregador/poeta. “His sharp wit and high fancy” (WALTON, 1825, p. 50), escreve Walton: engenho agudo e grande arte. Como se vê também n’Os *Lusíadas* de Camões, por exemplo, “Cantando espalharei por toda parte, /Se a tanto me ajudar o engenho e arte” (CAMÕES, 1948, p. 6), a capacidade inventiva (*wit*; engenho; *ingenium*) e a técnica (arte; *ars*; *tekhne*) são, nos séculos XVI e XVII, atributos de valor no meio letrado das cortes cristãs europeias (FIORUSSI, 2008).

Walton (1825) diz pouco da lírica amorosa de Donne. Por outro lado, diz muito de sua conversão ao anglicanismo e de suas composições religiosas. Segundo as conveniências, Donne como autor de sonetos amorosos, elegias lascivas e sátiras mordazes não serve para a proposta de exaltação do pregador virtuoso. Assim, Walton (1825) inventa a fantasia da transformação do indivíduo: de um heterodoxo Saulo, Donne passou a ser um ortodoxo Paulo¹. Redimindo seu passado no discurso, o Donne de Walton exime-se do título (enquanto *autor*) de *lascivo*. Tratando da constituição de autoridade dos poetas como *auctores* nos séculos XVI e XVII, Hansen (1992) mostra que a poesia erótica de Ovídio, por exemplo, nem sempre convinha, segundo o decoro da circunstância (o que não o rebaixava como poeta lírico):

Evidenciando-se a *auctoritas* também como um princípio de classificação dos *auctores* segundo circunstâncias do decoro externo, segue-se que, embora Ovídio, por exemplo, seja excelentíssimo poeta erótico, pois é *auctor* de um decoro *lascivior*, mais lascivo,

não é adequado sempre, em todas as circunstâncias convencionadas (HANSEN, 1992, p. 25).

Assim, Donne como *auctor* de poesia lasciva não é conveniente na contingência de seu retrato encomiástico como pregador anglicano e *auctor* de sonetos sacros. Dessa forma, quando refere à poesia amorosa de Donne, Walton inventa, retoricamente, o discurso de ‘arrependimento’ do poeta:

It is a truth, that in his penitential years, viewing some of those pieces that had been loosely - God knows, too loosely - scattered in his youth, he wished they had been abortive, or so short-lived that his own eyes had witnessed their funerals; but, though he was no friend to them, he was not so fallen out with heavenly poetry, as to forsake that; no, not in his declining age; witnessed then by many divine sonnets, and other high, holy, and harmonious composures. Yea, even on his former sick-bed he wrote this heavenly hymn, expressing the great joy that then possessed his soul, in the assurance of God’s favour to him when he composed it [segue transcrição de “An Hymn to God the Father”] (WALTON, 1825, p. 51).

Aplica a tópica do homem que renega o passado pecaminoso, presente em diversos sonetos sacros de Donne, ao *topos* inventado no retrato, deliberadamente tratando os versos como provas de um Donne penitente. Explica, por exemplo, que o catolicismo lhe fora imposto, na juventude, pela família: “They had almost obliged him to their faith” (WALTON, 1825, p. 5). A prudência lhe fizera, já na vida adulta, optar pela conversão à ‘verdadeira fé’ anglicana.

Mas talvez o episódio mais marcante do retrato, tanto em termos de invenção quanto de elocução, seja aquele em que Donne presencia um ‘milagre’ - o que Walton justifica com o argumento de que a santidade do futuro pregador lhe possibilitara a visão sobrenatural. Trata-se de um caso ocorrido enquanto Donne prestava serviços a seu patrono, Sir Robert Drewry, em Paris. A esposa de Donne estava prestes a dar à luz um dos muitos filhos do casal, em Londres. A distância os separava fisicamente, mas não apartaria as almas, que se mantinham comunicantes. Assim, Donne pôde ver, em Paris, o vulto da esposa, carregando o filho morto nos braços. Quando voltou a Londres, Donne teria recebido a notícia de que a esposa havia de fato abortado e corria risco de vida: logo, o milagre da aparição se confirmara. Walton (1825), prevendo que houvesse entre seus leitores alguns não muito afeitos ao relato místico, comumente associado ao discurso católico, promove uma defesa teológica da existência de milagres como esse. Como efeito, a autoridade de Donne constituída pela invenção de Walton fica acrescida de um poder místico e visionário. Ora, isso incide diretamente sobre a

¹A comparação é altamente eficaz quando se recorda, por exemplo, a censura feita nas sátiras em verso de Donne ao discurso protestante de intolerância religiosa, e, depois, a defesa ardente da mesma intolerância em *Ignatius His Conclave*, uma sátira menipeia em prosa encomendada pelo rei. Ou seja, de um Saulo que perseguiu a “verdadeira” fé, passou a ser Paulo, seu principal intercessor. A sutileza da estratégia de Walton coloca em evidência seu próprio engenho, e explica por que seu retrato de Donne continuou sendo reproduzido com tanto entusiasmo. Não explica, por outro lado, por que parte da crítica corrente ainda o usa como prova de fatos reais.

legibilidade de seus sonetos sacros e sermões, de um lado, e de sua poesia amorosa, de outro; por isso, vale a pena cuidar mais de perto dessa questão.

O trecho que versa sobre os milagres evidencia a configuração retórica do retrato segundo o decoro do gênero encomiástico. Verifica-se o caráter retórico do texto não apenas na disposição dos argumentos, como temos acompanhado, mas também na invenção engenhosa, expressa muitas vezes por meio de elocução aguda. Veja-se o exemplo do conceito apresentado para ilustrar a comunicação entre as almas:

[...] though it is most certain that two lutes, being both strung and tuned to an equal pitch, and then one played upon, the other that is not touched, being laid upon a table at a fit distance, will – like an echo to a trumpet – warble a flint audible harmony in answer to the same tune; yet many will not believe there is any such thing as a sympathy of souls (WALTON, 1825, p. 25).

O conceito de Walton faz lembrar, não sem propósito, a célebre comparação entre os amantes e as pernas do compasso, no poema *A Valediction, Forbidding Mourning*, de Donne (1633, p. 164). Vejam-se os quatro últimos quartetos:

Our two soules therefore, which are one,
Though I must goe, endure not yet
A breach, but an expansion,
Like gold to avery thinnesse beate.
If they be two, they are two so
As stiffe twin compasses are two,
Thy soule the fixt foot, makes no show
To move, but doth, if the'other doe.
And though it in the center sit,
Yet when the other far doth come,
It leanes, and hearkens after it,
And growes erect, as that comes home.
Such wilt thou be to mee, who must
Like th'other foot, obliquely runne.
Thy firmnes makes my circle just,
And makes me end, where I begunne.
(DONNE, 1633, p. 164).

Esse poema, no gênero lírico-amoroso, cujas convenções remetem com frequência à tópica da separação dos amantes, vem sendo interpretado pela crítica em termos autobiográficos; teria sido escrito, segundo a hipótese, por ocasião daquela viagem de Donne a Paris, e entregue à esposa como argumento de que a distância, espiritualmente, não os afastaria². Percebe-se, de fato, que foi Walton (1825) quem, na fantasia programática de seu retrato, deu origem a essa associação. O que diz do alaúde que ecoa o som

distante de outro incide diretamente sobre a leitura desse poema e de seus conceitos como transferências metafísicas de sentido. Por essa razão, Walton (1825) qualifica *A Valediction* como exemplo máximo da faculdade inventiva de Donne, que, achando correspondência entre os amantes inseparáveis e as fixas pernas do compasso, descobre também a porção divina nos homens, isto é, a possibilidade da comunicação entre almas. Levando em conta a interpretação metafísica que Walton (1825) faz do poema, não é de se admirar que o tenha julgado – e divulgado, no retrato – como de beleza e engenho sem precedentes: “I beg leave to tell, that I have heard some critics, learned, both in languages and poetry, say, that none of the Greeks or Latin poets did ever equal them [i.e., os versos de *A Valediction*]” (WALTON, 1825, p. 27). Por um lado, Walton refere, no julgamento, a qualidade elocutiva superior do poema de Donne; por outro, afirma, no discurso, que a poesia antiga pagã seria menos adequada para efetuar a transferência metafísica tendo como efeito o desvendamento de uma verdade cristã.

Considerações finais

Assim, deve-se ler o texto de Walton como participante no estabelecimento da legibilidade da poesia de Donne, e não se deve, em contrapartida, tomá-lo como “crítica literária”, nem como neutra fonte de fatos sobre o poeta e sua poesia. Era comum e programático, nos retratos do século XVII, usar versos de um poeta para explicar supostos eventos de sua vida. Poder-se-ia citar o que escreveu Faria e Sousa (apud PIMPÃO, 1983) em seu retrato de Camões – produzido no início da década de 1640, como o de Walton; há também nele a prática, funcional, de preencher as lacunas biográficas com dados advindos da interpretação de poemas. Havia um propósito para isso. A ficção em torno do poeta, como Ovídio, foi desterrado; que, como Petrarca, morria de amores por uma Laura, ou Natércia, ou Dinamene – serve para estabilizá-lo dentro da corrente de poetas líricos, como grande poeta de determinado gênero, e marcar sua legibilidade. Como Ovídio, Camões trata do amor; como Petrarca, compõe sonetos que revelam a perdição de quem sofre a rejeição amorosa; como Virgílio, canta na epopeia os feitos de um herói etc. No caso dos sonetos, desde Petrarca preconizava-se o emprego da voz ‘subjettiva’, como narração evidentemente fictícia de supostos fatos da vida do poeta. Conhecedores do decoro, os leitores saberiam identificar a fantasia poética. Assim, Faria e Sousa:

²Observa-se que parte da crítica corrente tem seguido, sem muita desconfiança, os relatos de Walton e, assim, dado continuidade à afirmação de que a lírica amorosa de Donne é sempre endereçada a sua esposa, como se lê nas seguintes palavras do crítico Andrew Hatfield: “Donne’s lyrics seem to be written for or about his wife [...], which helped revise the convention of the distant and disdainful lady of the Petrarchan poem” (GUIBBORY, 2006, p. 59).

Lo que se tiene por infalible es, que de averse encendido mucho estos amores en Palacio con esta Señora, resultó (parece que a instancia de los parientes della) el desterrarle. El lugar deste destierro tiene qualquier duda: pero lo que se pode entender de la Elegia 3 en que le llora, parece fué en Santarén; porque desde alli se vé el Tajo, y el dize en ella que le estava viendo; y tambien se infere algo desto de las Redondillas 14. [...]

No puedo averiguar se vivia aun su Querida la Dama de Palacio, porque ella falleció; mas veo que el Son. 19. de la cent. I parece ser Escrito a esta muerte; y lo que en él dize de, 'aquelle amor ardente que ja nos olhos meus tão puro viste', presumo yo alude a la herida que traia en los ojos; y si esto es assi murió ella luego despues de verle cõ aquel daño de que avia sido causa del destierro por sus amores [...] (FARIA; SOUSA (1685) apud PIMPÃO (1983), p. XXX).

Como aconteceu no caso da crítica inglesa, com certos intérpretes, alguns críticos portugueses deram continuidade, nos séculos XIX e XX, à constituição de Camões, segundo Faria e Sousa (apud PIMPÃO, 1983), mas sem o caráter retórico seiscentista, sem a fantasia própria do subgênero encomiástico. Ao contrário, houve a crença de que a pesquisa era qualquer coisa de científica, e de que se é capaz de achar, de fato, a real mulher a quem Camões aludiria em seus sonetos³. Assim, seguindo os passos de Walton, mas com uma interpretação romântica do caso do milagre que ele relata, houve quem comparasse Donne a Hamlet, no século XIX, como alguém capaz de ser visitado por fantasmas: "As early as 1880 [Donne] was compared to Hamlet" (GARDNER, 1962, p. 4).

No caso da constituição da *persona* autoral, Walton leva adiante a prática comum, na época, de descrever o poeta como um 'tipo', segundo o humor e o temperamento. Os qualificativos e sua disposição no texto de Walton (1825) apontam para uma harmonia física que é espelho de um temperamento equilibrado, um engenho judicioso, um espírito perspicaz e um coração nobre (os itálicos, que são nossos, os mostram bem):

He was of stature moderately tall; of a straight and 'equally-proportioned' body, to which all his words and actions gave an unexpressible addition of comeliness. The melancholy and pleasant humour were in him so 'contempered', that each gave advantage to the other, and made his company one of the delights of mankind.

His fancy was unimitably high, equalled only by his great wit; both being made useful by a 'commanding' judgment.

His aspect was cheerful, and such as gave a silent testimony of a 'clear knowing' soul, and of a conscience at peace with itself.

His melting eye showed that he had a 'soft' heart, full of 'noble' compassion; of too 'brave' a soul to offer injuries, and too much a 'Christian' not to pardon them in others (WALTON, 1825, p. 78-79).

Para a divulgação de Donne como um 'homem notável', vê-se que o engenho agudo (*great wit*) ocupa posição central dentre suas qualidades; mas é regulado pelo juízo (*commanding judgment*), como deve ser no caso de gente discreta, sobretudo quando ocupa cargos públicos. Sendo apologia, o retrato de Walton (1825) constitui retoricamente, no discurso, o julgamento de toda uma geração de pessoas que teriam convivido com o poeta-pregador, e procura instituir que a leitura de sua obra seja feita segundo essa chave.

Referências

- CAMÕES, L. **Os Lusíadas**. São Paulo: Melhoramentos, 1948.
- PIMPÃO, A. J. C. As Musas de Camões. In: CAMÕES, L. **Rimas, Autos e Cartas**. Porto: Civilização, 1983.
- CERVANTES, M. **Don Quijote de la Mancha II**. Madrid: Cátedra, 2000.
- DONNE, J. **Poems, by J. D., With Elegies on the authors death**. 1st. ed. London: Printed by M. F. For John Marriot, 1633.
- FIORUSSI, L. S. **No man is an island: John Donne e a poética da agudeza na Inglaterra no século XVII**, 2008. 257f. Tese. (Doutorado em Letras)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GARDNER, H. **John Donne: A Collection of Critical Essays**. NJ: Prentice-Hall, 1962.
- HANSEN, J. A. 'Autor'. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- HANSEN, J. A. **A Sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. 2. ed. São Paulo: Ateliê e Unicamp, 2004.
- WALTON, I. **The Lives of Dr. John Donne, Sir Henry Wotton, Mr. Richard Hooker, Mr. George Herbert, and Dr. Robert Sanderson**. London: John Major, 1825.

Received on February 12, 2009.

Accepted on May 16, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

³Veja-se, a respeito, a censura feita por A. J. da Costa Pimpão (PIMPÃO, 1983, p. xxii) a esse tipo de prática, referindo a polémica entre J. Maria Rodrigues e Alfredo Pimenta nas revistas *O Instituto* e *Cultura*, na década de 1930. Discutiam a identidade da Dinamene camoniana, supondo haver uma pessoal real descrita nos sonetos.